

O ESPADIM NA ESCOLA NAVAL

Capitão-de-Mar-e-Guerra (RM1-FN)

Yerson de Oliveira Neto

INTRODUÇÃO

Escrever acerca do Espadim na Escola Naval é escrever sobre pessoas. Elas que deram perenidade a este símbolo e que poderão expressar sentimentos e emoções do período que o portaram. Duas centúrias de história. Podemos mencionar os Almirantes Tamandaré e Barroso, o Ministro da Marinha, Almirante de Esquadra Alfredo Karam¹, que em março de 2024 completou cem anos de vida, e a nossa geração, que ao ser partícipe deste legado, se conecta para confirmar aos jovens de Villegagnon os valores inscritos na Rosa das Virtudes. É o momento de juntar dados, reescrever e dar visibilidade à história naval. Uma oportunidade de elucidar fatos que constituem a história militar, respeitando a dinâmica que lhe é própria.

Os dados coligidos me permitem escrever, com o rigor bibliográfico requerido, os acontecimentos para o período que começa com a Independência do Brasil, quando a Academia trocou o nome de “Real” pelo “Imperial” (COSTA, 1873, p. 16), até os nossos dias. A mudança de nacionalidade e de nome não a destruiu, nem a substituiu, mas a continuou plenamente. Tanto que os Estatutos de 1795 (SCAVARDA, 1950, segunda parte, período brasileiro, p. 10) permaneceram, além de seus arquivos, a biblioteca e “mais que tudo ficou a sua alma, ficaram as suas tradições que perduraram até os dias de hoje” (ALBUQUERQUE, 1982, p. 16).

A Academia Nacional e Imperial de Marinha, em consonância com os acontecimentos, incorporou a Bandeira do Império (ALBUQUERQUE, 1982, p. 16) e com a nova denominação, permaneceu instalada no Mosteiro de São Bento (BOITEUX, 1940, p. 101), nos arredores dos diversos poderes constituídos.

São dois os propósitos deste trabalho. Primeiro é o de demonstrar que o Espadim dos Aspirantes já fazia parte dos uniformes da Academia Real de Portugal, teve a sua continuidade na Academia Nacional Imperial da Marinha e permanece até os dias de hoje. O segundo é o de registrar os valores enaltecidos neste símbolo e repercutir as expressões de sentimentos e emoções de quem teve o privilégio de acesso e viveu o período de formação na Escola Naval.

DESENVOLVIMENTO

A expressão continuidade é pertinente por considerar que a “*espada pequena amarella*” se encontra como item da relação de uniformes daquela Academia Real, quando ainda em Portugal. O Decreto de 13 de maio de 1807 estabelece “o *mesmo fiador, todo escarlate com ouro*”, para Aspirantes a Guardas-Marinha (Apud SCAVARDA, 1950, primeira parte, período português, p. 25-26). Não é demais lembrar que a Academia só chegará ao Brasil em 18 de janeiro de 1808, na Baía de Guanabara, embarcada na Nau Conde de Dom Henrique (ALBUQUERQUE, 2009, p. 16), no contexto da transmigração da Família Real, liderada pelo Príncipe Regente D. João.

No Brasil, o ano de 1823 é aberto pelo Imperador, em 08 de janeiro, com um forte discurso, conclamando pela união dos brasileiros em torno dele, “vosso perpétuo defensor” (BOITEUX, 1940, p. 102). Exalta o patriotismo, os talentos e as virtudes individuais que devem estar a serviço do Império, e que sejam de valor para a “*grande obra de nossa Regeneração Política*”. O Brasil estava vivenciando o que a história consagrou como o Primeiro Império.

Na Marinha, o discurso de D. Pedro I chegou com a força capaz de separar os que queriam se alinhar à proposta do Imperador daqueles que deveriam re-

¹ Almirante de Esquadra Alfredo Karam faleceu em 06 de setembro de 2024.

tornar à sua terra natal (BOITEUX, 1940, p. 103). A Armada Nacional encontrava-se completamente comprometida com a decisão da independência de Portugal (BITTENCOURT, 2006).

Na Academia Imperial a certeza de estar perfeitamente “acomodada” e prestigiada junto ao Poder Político. Já não havia mais a ameaça de retorno desde que o Príncipe Regente, em um ato de rebeldia, deixou de cumprir ordens de Portugal (SCAVARDA, 1950, período brasileiro, p. 7), (ALBUQUERQUE, 1982, p. 15-16).

Cuidados especiais foram observados para que não houvesse interrupção das atividades acadêmicas com o retorno de alguns Lentes (professores) e Oficiais para Lisboa. As ações administrativas para recompor o corpo docente e garantir o efetivo completo vinham por designações de “*Cartas Imperiais*”, o que nos permite visualizar o tratamento dispensado à Academia no mais alto nível de decisão do Império.

Ao apagar das luzes de 1823, mais precisamente no dia 27 de outubro, é assinado pelo membro do Conselho do Imperador, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, Luiz da Cunha Moreira (1777 – 1865), e com a rubrica de Sua Majestade Imperial, o Decreto que traz o “*Plano para os uniformes dos officiaes da Armada Nacional e Imperial do Império do Brazil*”. Neste Plano, são designados os uniformes que devem ser usados pelos oficiais do Corpo da Armada. Os Aspirantes usarão os uniformes iguais aos dos Oficiais e “*espada pequena também amarella*”. Relaciona, ainda, de outra forma, “*Florete de metal dourado, fiador de cordão de ouro e encarnado com um remate sem franjas*”. Por fim, o Decreto atribui ao Conselho Supremo Militar a “*executar com os despachos necessários*” (Apud BOITEUX, 1940, p. 106).

É coerente inferir que a Academia Imperial tem a personalidade da Academia Real. A memória, a cultura e os costumes, embarcados em Lisboa, estarão presentes no estilo desta instituição de ensino. Apenas mudou de nome. No caso dos uniformes, não foi diferente e, associando a presença do talim, espada pequena e Florete, nos Decretos mencionados, antes e após a Independência do Brasil, é factível colocar o Espadim junto ao corpo dos Aspirantes nestes dois períodos, sem interrupção do seu uso.

A primeira turma matriculada em 1823 na Academia Nacional e Imperial de Marinha foi de 46 alunos, a maior desde a época do Brasil colônia (BOITEUX, 1940, p. 105). Este número, associado aos fatos mencionados, nos fazem pensar no prestígio da Academia para a sociedade do Império.

Chega o ano de 1824 e com ele a Constituição Política do Império do Brasil, outorgada pelo Imperador Pedro de Alcântara de Bragança, D. Pedro I, em 25 de março. A Companhia de Guardas-Marinha e todo o pessoal da Academia deverão prestar juramento à Carta Magna (BOITEUX, 1940, p. 107). Treze dias após o ato de assinatura da Constituição, uma grande e significativa cerimônia militar naval deverá acontecer na capital do Império.

Em 07 de abril de 1824 acontece a Cerimônia, quando é lavrada, lida e assinada a Ata do Termo de Juramento (SCAVARDA, 1950, segunda parte, período brasileiro, p. 9): “*Juro aos Santos Evangelhos obedecer, e ser fiel à Constituição Política da Nação Brasileira, a todas as suas Leis, e ao Imperador Constitucional, Defensor Perpétuo do Brazil, D Pedro I*”. Este ato, conforme nos descreve BOITEUX, foi acompanhado de “*vivas*” à Constituição, ao Imperador Constitucional e à Independência do Brasil. (BOITEUX, 1940, p. 107-108). Este é o “*Ato Solene que tornou a Academia genuinamente brasileira*”, “*uma página das mais belas inserta nos anais da Velha Academia*” (SCAVARDA, 1950, segunda parte, período brasileiro, p. 9).

Dado ao pequeno intervalo de tempo entre a outorga da Constituição e o juramento de 07 de abril, considerando as formalidades descritas por Boiteux e as descrições do Scavarda, é pertinente considerar ser esta uma importante Cerimônia para a Academia Imperial. É de se supor que estivessem formados com os seus uniformes de gala, fiador com cordão de ouro e encarnado com um remate sem franjas, chapéu com galão de franja lisa, com presilha de ouro e botão, e sapatos de fivela amarela (BOITEUX, 1940, p. 106) e “*espada pequena também amarella*”. É assim que se encontra descrito e a gravura que ilustra o texto com o título de “*uniformes de 1823*” (BOITEUX, 1940, entre as p. 106-107) pode contribuir com o esforço de pensamento do leitor. Com estes fatos documentados o Espadim completou duzentos anos, de uso, em 2024.

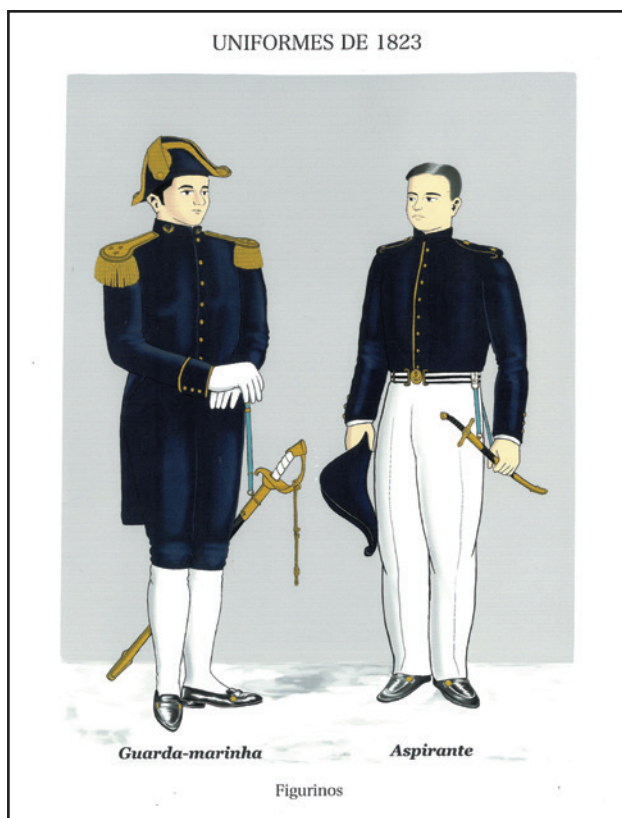


Figura 1. Uniformes utilizados em 1823

Fonte: Arquivo do autor.²

A Companhia é formada por 33 Alunos, 19 Aspirantes e 14 Guardas-Marinha, dentre estes o Francisco Manoel Barroso da Silva (1804 – 1882), futuro Almirante Barroso, Barão do Amazonas, Praça de 1821 (BOITEUX, 1940, p. 108). Nascido em Lisboa, Portugal, ingressou na Academia Nacional e Imperial de Marinha aos 17 anos de idade. Atendeu a convocação do Imperador ao permanecer no Brasil e lutar por ele. Participou de quatro guerras, Cisplatina (1825 – 1828), Cabanagem (1835 – 1840), Farrapos (1835 – 1845) e Paraguai (1864 – 1870). É herói da Batalha Naval do Riachuelo.

Dos Alunos, destaca-se Joaquim Marques Lisboa (1807 – 1897), futuro Almirante e Marquês de Tamandaré. Praça de 04 de março de 1823, aos 15 anos (BOITEUX, 1940, p. 110 – 113). Natural do Rio Grande do Sul. Permaneceu na ativa por 67 anos, “herói da Guerra da Independência e de diversas revoltas

ocorridas no nascimento da Nação. Foi ainda o Comandante das Forças Navais Aliadas durante a Guerra da Tríplice Aliança” (RIBEIRO, 2017). É o Patrono da Marinha do Brasil e o seu nome está inscrito no Livro dos Heróis da Pátria.

O Museu Naval, da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, tem em seu acervo o Espadim que pertenceu ao então Aspirante a Guarda-Marinha Joaquim Marques Lisboa. É a materialidade, dentro do rigor histórico, da presença do Espadim na Academia Imperial. Considerando, ainda, o ato da Independência e a importância da Cerimônia de juramento à Constituição em 07 de abril de 1824, com o reconhecimento de um “Ato Solene que tornou a Academia genuinamente brasileira”, são duzentos anos do uso do Espadim.

A designação Espadim como hoje conhecemos, e encontra-se em nosso imaginário, pode ser encontrada no primeiro dicionário da língua portuguesa, editado pelo padre Raphael Bluteau (1638 – 1734) em 1728, que o define como “espada de folha curta e de pequenas guarnições” (BLUTEAU, 1728, Vol. 3, p. 255). Neste mesmo dicionário, o Espadim aparece como espada menor ou florete. Na Marinha do Brasil aparece, também, no Decreto nº 22.247, de 23 de dezembro de 1932. É nele que está a descrição deste símbolo usado nos dias de hoje.



Figura 2. Espadim do Aspirante a Guarda-Marinha Joaquim Marques Lisboa. (Patrono da Marinha do Brasil)

Fonte: Acervo pessoal do autor.³

² A ilustração foi confeccionada de acordo com a gravura existente na obra de Lucas Alexandre BOITEUX (A ESCOLA NAVAL, seu histórico 1761 – 1937.)

³ Registro realizado no Museu da Marinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importante neste trabalho é o de preservar as certezas resgatadas no recôndito dos livros, manter o ânimo na busca por novos fatos, desafiar os historiadores e dar ao leitor um trabalho com resultado íntegro e autêntico.

Os historiadores, que serviram de referências, nos deixaram registros preciosos. As mensagens, que brotam das pesquisas de fatos tão antigos, requerem o pensar constante e flexível, a ponto de nos aproximar dos elementos que compõem a realidade.

E neste ponto é preciso flexionar o pensamento, perceber que a história continua com a sua dinâmica, considerar os dados aqui inseridos, e deixar a certeza de que o Espadim, que hoje faz parte dos uniformes dos Aspirantes, outrora existiu na Academia Real em Portugal, uma Instituição secular que se somou a uma Marinha de tradições no mar e em terra. A “espada pequena *amarella*” ou o “Florete” cruzou o oceano Atlântico, permaneceu após a Independência na Academia Imperial, pertenceu aos Aspirantes Francisco Manuel Barroso da Silva, Joaquim Marques Lisboa, Alfredo Karam e aos demais que são herdeiros deste “símbolo maior”, que se chama Espadim, e está presente nos dias de hoje na Escola Naval.

O Espadim, como símbolo pleno de significados, transcende os limites do tempo e da imaginação de quem o porta e de quem o vê. Ele transmite mensagens em linguagem própria, diferente da lógica e da razão. Como objeto de desejo desperta sentimentos, emoções e, certamente, estabelece uma conexão com as gerações passadas. Reproduz parte da história e está a nos lembrar dos valores expressos na “Rosa das Virtudes”. É o símbolo maior dos Aspirantes, masculino e feminino, este pela primeira vez em 2014.

Está presente na Escola Naval desde sempre, uma vez que já fazia parte da Academia Real da Marinha Portuguesa que veio para o Brasil em 1808 e que se tornou Academia Imperial após o ato de Independência.

O Espadim de hoje, aprovado pelo Regulamento de fevereiro de 1902 (PADILHA, 2023, pg. 57), possui punho preto com voltas de fios dourados entrelaçados. O extremo superior está arrematado por uma bola em metal com “ferro” e as armas nacionais, uma de cada

lado, em alto relevo. No terço médio superior, exposta transversalmente, uma peça em metal dourado, que pela sua arquitetura, evoca a Cruz de Cristo. Segue-se a lâmina de 30 centímetros em metal prateado, ornamentada, e que se acomoda em uma bainha de couro, acompanhada por três peças de metal dourado. Em duas destas, encontram-se os arganéis, perfeitamente dispostos, para talingar as pernadas do talim, que permitirão uma posição natural e elegante, quando o Espadim estiver junto ao corpo do Aspirante.

Para repercutir os sentimentos de quem teve o privilégio de acesso e viveu o período de formação na Escola Naval, foram convidados Oficiais e Aspirantes para que expressassem as suas emoções. Dentre estes, cito o Ministro Alfredo Karam e a Aspirante Rafaella Bordallo, que recebeu o seu Espadim em 2024.

Ao usar o Espadim, após o juramento à Bandeira do Brasil, associei este fato ao conselho da minha mãe presente naquela cerimônia. “Faça todo o esforço para cumpri-lo”. E procurei fazer no decorrer da carreira, principalmente visando a uma das partes do juramento que diz o defender a Pátria com o sacrifício da própria vida.⁴

A data mais almejada do ano, ou melhor, de muitos anos. O Espadim simboliza, para mim, uma mudança de ciclo, a personificação de um sonho, o sentimento de pertencimento, um grito de vitória. É a página que inicia mais um capítulo da nossa história. A página inicial de nossas vidas como verdadeiros Aspirantes da Escola Naval.⁵

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Antônio Luiz Porto e. Escola Naval: 200 anos no Brasil 1808 – 2008; Revista Marítima Brasileira JUL/SET 2009.

ALBUQUERQUE, Antônio Luiz Porto e. Da Companhia de Guardas-Marinhas e sua Real Academia à Escola Naval; 1782-1982. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, Escola Naval, 1982.

⁴ Ministro de Estado da Marinha, Almirante-de-Esquadra Alfredo KARAM (1924 – 2024) – depoimento por áudio ao autor.

⁵ Asp Rafaella Bordallo Estrela – depoimento por e-mail ao autor.

BITTENCOURT, Armando de Senna. História: a importância do mar na história do Brasil. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BLUTEAU, Rafael. Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico... Autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos; e offerecido a El Rey de Portugal D. João V. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 Vols. 2 Suplementos.

BOITEUX, Lucas Alexandre, A ESCOLA NAVAL, seu histórico 1761 – 1937. Imprensa Naval, Rio de Janeiro, 1940.

COSTA, Augusto Zacarias da Fonseca e. Esboço Histórico da Academia de Marinha desde a sua fundação e da Companhia de Aspirantes a Guardas-Marinha acompanhado dos Regulamentos vigente na Escola da Marinha. Rio de Janeiro, RJ, Typographia do Imperial Instituto Artístico, Rua Primeiro de Março. 1873.

Decreto de 27 de outubro de 1823, Legislação Informatizada, Publicação Original. “Aprova o plano de uniforme dos officiaes da Armada”.

Decreto nº 22.247, de 23 de Dezembro de 1932, Legislação Informatizada, Publicação Original. Aprova e manda executar o regulamento para os uniformes dos Aspirantes e Guardas-Marinha. Assinado pelo vice-almirante Protógenes Pereira Guimarães, Ministro de Estado dos Negócios da Marinha.

PADILHA, Érico Storzo e COSTA, Carlos de A. de A. Armas Brancas dos Oficiais da Armada no Brasil: da Colônia a República. Revista Marítima Brasileira – RMB, nº 04/06, abril/junho 2023.

RIBEIRO, Luciano Melo. Marinha do Brasil: protegendo nossas riquezas, cuidando da nossa gente. 1 Ed. Rio de Janeiro: Action Editora, 2017.

SCAVARDA, Levy. “A Escola Naval através do tempo” subsídios para o Estudo da História Naval Brasileira. 1950.